

NOVA Revista Extensão

Número 05 - Ano 3



As Fronteiras da Extensão



UFRRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO

Expediente

NOVA Revista Extensão

Ministério da Educação
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Reitor: Ricardo Motta Miranda
Vice-reitora: Ana Maria Dantas Soares
Pró-Reitora de Ensino de Graduação: Nídia Majerowicz
Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação: Áurea E. Aznar Neves
Pró-Reitor de Extensão e Idealizador do Projeto da Revista: José Claudio Souza Alves
Pró-Reitor de Assuntos Estudantis: Carlos Luiz Massard
Pró-Reitor de Assuntos Administrativos: Pedro Paulo de Oliveira Silva
Pró-Reitor de Assuntos Financeiros: Eduardo Mendes Callado
Diretor da Imprensa Universitária: Gilberto Silva Reis

Pró-Reitoria de Extensão
www.ufrj.br/portal/extensao
e-mail: dext@ufrj.br

Campus Universitário da UFRRJ - Pavilhão Central - Sala 67
BR 465 Km 7 - Seropédica - RJ - Cep: 23890-000
Telefax: 0xx 21 2681-4722

Nova Revista Extensão
e-mail: novarevistaextensao@gmail.com
facebook: Extensão Universitária UFRRJ
twitter: @revistaextensao

Projeto gráfico, Repórteres, Redatores e Fotografia:
Ana Carolina Brandão, Jéssica Mazza, Jéssica Reis e Natália Figueiredo
Diagramação: Natália Figueiredo
Edição: Cristiane Venâncio
Revisão: Eduardo Alves Inez
Impressão: Imprensa Universitária - UFRRJ

A Nova Revista Extensão é uma publicação trimestral da Pró-reitoria de Extensão da UFRRJ.
A reprodução total ou parcial desta obra é permitida desde que não seja para fins lucrativos
e seja dado o crédito às fontes e aos autores das fotos e reportagens.



Tiragem: 2000 exemplares
Número 05 - Ano 3



Apresentação e Editorial

Depois de um longo recesso, a Revista Extensão está de volta. Com novo projeto gráfico, ela retorna para aproximar toda a comunidade acadêmica – alunos, servidores técnicos-administrativos e professores – e a população de Seropédica das ações da Extensão Universitária da UFRRJ. Além de espaço para projetos, programas e vivências, a Nova Revista Extensão trará reportagens sobre cursos, eventos e prestação de serviços.

Partimos do princípio de que a extensão é a prática do ensino além da academia, através da prestação de serviços às necessidades da sociedade. Sendo assim, essa relação só terá eficácia garantida através da comunicação. E esse é o nosso papel: fazer desta publicação a interface entre todos os públicos relacionados com as atividades extensionistas praticada pela UFRRJ.

Para a primeira edição, preparamos textos sobre assuntos variados dentro do universo extensionista e também uma reportagem especial sobre o mais importante evento de Extensão do Brasil – o 5º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, que foi realizado em Porto Alegre (RS), no final do ano passado. Temas de relevância nacional foram apresentados e discutidos ali. Durante quatro dias, professores e alunos de universidades de todo o país expuseram seus trabalhos e propuseram algumas ideias novas no cenário da Extensão. Tentamos, com nossos textos, fazer com que os leitores sintam um pouco da rica troca de experiências proporcionada pelo evento.

Esperamos que vocês gostem e interajam conosco. Mandem-nos sugestões, críticas, textos, ideias. Este espaço é de todos que desejarem contribuir para uma Extensão cada vez mais acessível e atuante. Agradecemos o apoio da coordenação do curso de Comunicação Social, ao pró-reitor de Extensão, José Cláudio Souza Alves, ao secretário executivo Eduardo Alves Inez e ao professor de Editoração Eletrônica Francisco Valle, que nos apoiaram na elaboração desta revista.

Equipe Nova Revista de Extensão

Extensionistas da Rural, antes de embarcar, a caminho do 5º CBEU



Fotos: Jessica Reis

Março 2012

Editorial

05. Direto da Redação

Grupos Organizados

06. O que são grupos organizados?

07. Arte no Lixo: Grupo Reciclar da Rural

08. Katumbaia e a III Semana de Vídeo e Debate

Foto: Natália Figueiredo



Educação

10. Projeto Pré- Enem

13. Projetos: Leitura nas escolas e Aprender para ensinar

Foto: Natália Figueiredo



Primeiro Plano

14. 5º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Palestras, oficinas e muita comemoração

Cultura

24. Cultura para todos - “Manifesto da Arte - Música, Dança e Artes Plásticas na Formação”

Foto: Divulgação



Política

26. Comissão Permanente de Extensão e XI Congresso Iberoamericano de Extensão Universitária

Relatos da equipe de reportagem no 5º CBEU, em Porto Alegre

Somos uma jovem e estreante equipe de reportagem - alunas do curso de Jornalismo da UFRRJ- com grandes desafios pela frente. O primeiro deles foi exatamente concorrer às vagas de estágio da Pró-Reitoria de Extensão. O segundo, que causou um enorme frio na barriga, foi o projeto de repaginação e volta da Revista de Extensão, uma publicação com intuito de noticiar os programas, projetos e vivências de nossa universidade. Essa primeira nova edição merecia um acontecimento de grande importância para receber o destaque de reportagem de capa. Assim, embarcamos no desafio de cobrir o maior evento de Extensão Universitária em nível nacional. As primeiras preocupações foram a respeito de viagens longas, distância da família e, principalmente, o compromisso de transmitir com ética e qualidade jornalística o que de melhor aconteceu no 5º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária em Porto Alegre (RS). É fato que a pouca experiência e o medo de errar nos ajudou a ficar atentas aos mínimos detalhes e, dessa forma, oferecer a vocês, nossos caros leitores, a sensação de terem também participado desse evento.

Ao chegarmos à UFRGS, sede do congresso, tivemos a oportunidade de conhecer alunos e professores de outras universidades do Rio de Janeiro e pessoas que percorreram caminhos ainda mais distantes, a fim de compartilhar seus projetos e experiências.

Apesar da demanda por hospedagem na cidade, tivemos o privilégio de ficar em um local aconchegante e seguro, próximo à UFRGS: o Convento dos Capuchi-

nhos de POA, um local encantador cujos jardins dividem espaço com uma diversificada horta.

Na cidade, a caminho do convento ou indo para outro campus, percebíamos a cordialidade dos gaúchos e a satisfação em nos receber. Entre muitos “Bah, sejam bem-vindos!” e alguns “Voltem sempre aqui, gurias!”, fomos rapidamente conquistadas pela cidade dos jacarandás - árvores com floração exuberante. A primavera lá se manifesta visivelmente, criando tapetes de pétalas.

O clima é bem quente naquela época do ano, ao contrário do que algumas de nós pensamos ao encher as malas de cachecóis e casacos. A culinária é parecida com a nossa, não fosse pelo churrasco, que não é feito em grelhas: “Churrasco aqui é só no espeto”, como os próprios cozinheiros fizeram questão de frisar.

Logo no segundo dia de congresso, fomos convidadas pela Federal do Rio Grande do Sul a participar de um jantar de integração. Ansiosas pela chegada ao restaurante, fomos conversando com o taxista, gastando o nosso carioquês e, como boas jornalistas, já fazendo uma entrevista improvisada. Dessa forma, descobrimos mais detalhes da cultura gaúcha e da cidade. Daria para fazer um diário de bordo para cada táxi.

Nosso objetivo no Sul era registrar com qualidade tudo o que aconteceu no congresso. Atré-ladas à agenda apertada das apresentações, entrevistamos, fotografamos e, ao mesmo tempo, descobrimos a pluralidade da extensão universitária no Brasil.

Fizemos as malas já levando nelas as saudades de Porto Alegre e da UFRGS, com sua boa estrutura e organização. O trajeto de volta para o Rio (cerca de 1500 km) somado ao trânsito do feriado da Proclamação da República, demorou mais do que o previsto. Mas, a ansiedade de pôr tudo o que vimos e vivemos no papel, aliviou o cansaço de 24 horas de viagem. Estávamos na Rural, onde tudo começou.



Equipe de reportagem durante o 5º CBEU

Jéssica Mazza, Natália Figueiredo,
Ana Carolina Brandão e Jéssica Reis

O que são?

Grupos de Extensão Organizados da Comunidade Acadêmica da UFRRJ são alianças feitas principalmente por alunos da Rural que desenvolvem projetos sociais, culturais, ideológicos ou prático-didáticos e mantêm-se de acordo com a participação dos membros.

Oficializados como política extensionista desde o ano de 2005, eles simbolizam um dos traços característicos da UFRRJ e devem, necessariamente, promover ações de extensão – programas, projetos, cursos, eventos, prestação de serviços e/ou produtos de extensão universitária. Estão sempre abertos a duas principais categorias de participantes: os oriundos da Universidade, como servidores docentes, técnicos-administrativos e discentes; e pessoas das comunidades do entorno da Rural, que podem ser simples moradores ou líderes comunitários.

Os grupos funcionam independentes da Universidade ou de professores da instituição, mas quando cadastrados, recebem apoio da Pró-Reitoria de Extensão.

As vantagens para os grupos cadastrados são: apoio aos eventos, material impresso (banners, cartazes, folhetos, crachás, entre outros), duas bolsas de auxílio alimentação por grupo, passagens para palestrantes e colaboradores e, se necessário, diárias, motorista e carro.

Fotos: Natália Figueiredo



Festa dos Grupos Organizados -
Campanha Nacional Contra os Agrotóxicos
Junho 2011

Arte no lixo

Alunos da Rural dão aula de responsabilidade ambiental e sustentabilidade em projeto de reciclagem com quase 20 anos de existência



Foto: Natália Figueiredo

A reciclagem possibilita criar novos objetos a partir de materiais descartados

Pensar de forma sustentável e inovadora é o que caracteriza o grupo Reciclar da Rural. O grupo organizado, desde 1992, começou como iniciativa de estudantes e do professor de Tecnologia de Papel e Celulose e Ex-Decano de Assuntos Estudantis Azarias Machado. As atividades continuam sendo exercidas até hoje.

A equipe reunia-se inicialmente no sótão do alojamento masculino (M6) e focava unicamente a produção de papel reciclado, utilizando apenas papel e água.

Mas, o lugar não tinha condições adequadas para a produção. Somente em 2005, o Reciclar ganhou sua sede – uma sala bem estruturada com o equipamento necessário para a produção de papel reciclado, localizada no alojamento feminino (F4). Assim, foi possível ampliar os trabalhos com reciclagem, oferecendo al-

ternativas dentro da universidade para papéis, papelão, garrafas pet e outros materiais descartados.

Hoje, o reaproveitamento de resíduos sólidos é o foco do grupo, além de palestras e oficinas de capacitação sobre questões ambientais e atitudes conscientes. As alunas Luiza Fontes e Tharsila Lopes, de Engenharia Florestal, capacitam os novos membros para dar continuidade ao projeto, que atualmente conta com sete componentes. Eles visam, a partir do próximo período, começar a levar este trabalho à comunidade de

Seropédica, como forma de renda alternativa. Os alunos vendem cadernos reciclados e objetos feitos pela técnica do Papietali, que usa cola na sobreposição de papéis, criando objetos consistentes como travessas. O grupo é aberto a todos que quiserem participar e reúne-se todas as segundas-feiras às 17h30.

Foto: Natália Figueiredo



Última etapa da produção de papel reciclado: prensá-lo

Natália Figueiredo ◆

Grupos Organizados



Grupo de defesa dos direitos animais da Rural

Referência em ativismo no combate à injustiça e à crueldade contra animais, o grupo Katumbaia (protetor dos animais em patxohã, língua dos Pataxós) começou a ser pensado em 2008 por alunos e moradores de Seropédica, que viam a necessidade de se unir à favor dos direitos animais. Hoje, o grupo tem 12 membros ativos de diferentes cursos que fazem atividades de conscientização através de eventos, palestras e compartilhamento de vídeos educativos. As principais bandeiras do grupo são: 1) Contra a utilização de animais no meio acadêmico, 2) Objeção de consciência e 3) Opção vegetariana no bandeirão.

A luta do grupo é baseada no artigo 32 da lei de Crimes Ambientais 9.605/98 – “Praticar ato de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos. § 1º Incorre nas mesmas penas quem realiza experiência dolorosa ou cruel em animal vivo, ainda que para fins didáticos ou científicos, quando existirem recursos alternativos.” Sabendo que existem meios alternativos e que diversos países já aboliram esta prática, o grupo acredita que hoje é possível dar fim à utilização de animais no meio acadêmico e assim, futuramente, afetar a postura em futuras pesquisas científicas.

A objeção de consciência é um processo formalizado de direito de resistência. Legítimo e reconhecido pela ONU, aplica-se no meio acadêmico quando o aluno ou o professor não estiver de acordo com as condutas do curso por questões éticas, ideológicas ou religiosas. Assim, budistas, tibetanos ou veganos, por exemplo, poderiam cursar disciplinas médico-biológicas sem praticar a vivisseção (dissecar animal vivo). No Brasil, cidades como Bauru e São Paulo já possuem leis à favor da objeção de consciência. Essa é uma área do direito muito abrangente, utilizada com mais frequência no serviço militar, na medicina e entre defensores do direito animal.

Por fim, a implementação da opção vegetariana no bandeirão, onde já houve alguns avanços, ainda precisa ser mudada para atender também veganos (pessoas que não se alimentam de carne, nem de

nenhum derivado animal) ou intolerantes à lactose.

O ex-aluno de Engenharia Florestal Joshua Dylan, de 21 anos, representante do grupo Katumbaia, contou que apesar de ser um grupo defensor dos direitos animais, não negligenciam outros problemas e frentes de luta. Relacionam sempre a sua causa aos direitos humanos, a questões sociais e à agroecologia. Além das três principais frentes de luta, o grupo repudia práticas como o rodeio e a utilização de animais em circos e zoológicos. O aluno de veterinária Lucas Ferreira, de 20 anos, explicou à nossa equipe que os zoológicos não são ambientes educativos, como se pensa.

“Os zoológicos não são ambientes educativos, como se pensa”

– Os animais estão em constante estresse, devido à rotina de visitas, jaulas apertadas e comida reduzida às suas necessidades.

Situação pior do que a de prisioneiros – ressaltou.

Logo, uma proposta alternativa e eficiente para essa situação seriam os santuários, lugares reservados ao bem estar de animais de grande ou pequeno porte, que encontram-se em situação de maus tratos ou abandono. No Rio de Janeiro, já existem alguns santuários que sobrevivem a partir de doações e do apadrinhamento. Mais informações podem ser obtidas com os membros do grupo ou pela internet.

O Katumbaia está sempre aberto para novos participantes. Suas reuniões ocorrem às terças-feiras, na sala do GAE, às 19h30m.

Contato do grupo pelo e-mail: katumbaia@gmail.com ou pelo blog: grupokatumbaia.blogspot.com.

III Semana de Vídeo e Debate Katumbaia

Grupo realizou palestras e debates com o objetivo de provocar conscientização e reflexão entre membros da comunidade acadêmica

Fotos: Natália Figueiredo



Lourenço mostra exemplos da história para conscientização da comunidade

A relação entre direitos animais e direitos humanos foi o principal tema abordado pelos professores Daniel Lourenço (curso de Direito da UFRRJ e diretor do Instituto Abolicionista Pelos Animais - IAA), Fábio de Oliveira (Direitos Fundamentais - UniRio) e pelo Pró-Reitor de Extensão José Cláudio Souza Alves, no primeiro dia do evento.

Foram expostos casos emblemáticos da história, quando leis de direitos animais contra a crueldade serviram para proteger pessoas e uma suposta esquizofrenia humana, que escolhe animais para amar e outros para alimentação – cão e boi, respectivamente. Entre os casos curiosos, está o da menina Mary Ellen. Em 1874, nos Estados Unidos, ainda não existiam leis de direitos da criança. Na ocasião, ela sofria maus tratos da mãe adotiva, mas só conseguiu ser socorrida dentro da lei por ter sido considerada um pequeno animal.

Quanto aos direitos animais, os palestrantes concluíram que não há o intuito de igualar os seres humanos aos animais: trata-se apenas de respeito mútuo. O direito de não ser escravizado ou instrumentalizado.

Outros temas como alimentação viva e as consequências do consumo de carne bovina para o meio ambiente foram expostos pelos representantes do grupo Katumbaia Joshua Dylan e Lucas Ferreira. Dylan ressaltou a importância da dieta de alimentos crus para a saúde, a renovação do tecido celular e como ela já ajuda a medicina no tratamento de doenças de pele, diabetes e até câncer. Segundo a teoria, ignorada pela maioria dos médicos, mas que já provou muitos avanços em tratamentos, o corpo rapidamente se reequilibra e se cura, logo que elimina venenos acumulados. O corpo dispõe de várias forças para curar-se sozinho quando, teoricamente, não é mais intoxicado com alimentos, emoções ruins e pensamentos negativos.

Exemplos de médicos que trabalham com a alimentação viva são Maria Luisa Branco, do projeto Terrapia na FioCruz; Alberto Peribanez Gonzalez, com o livro Lugar de Médico é na Cozinha e Kirstine Nolfi, autora do livro O Milagre dos Alimentos Vivos e fundadora do Sanatório Humlegaarden, de tratamento através da alimentação crua.

Lucas Ferreira comentou os malefícios da pecuária extensiva para o desperdício de água e terras. Segundo ele, no Brasil a maioria da

O corpo dispõe de várias forças para curar-se, quando não é intoxicado com alimentos, emoções e pensamentos negativos.



Joshua Dylan, atualmente frugivorista, em sua palestra sobre alimentação viva

produção é do boi verde, que se alimenta apenas de pasto. Por isso, 25% do território brasileiro são destinados à pecuária e esses números estão crescendo, o que tem intensificado os desmatamentos.

Ao final do primeiro dia, a cooperativa Manjeriço ofereceu um lanche preparado com alimentos vivos, desde canapés de grãos germinados, com rodela de cenoura até sucos de chicória, amendoim e maçã. A cooperativa é formada por jovens que oferecem venda e orientação de alimentação vegana (contato: cooperativamanjericao.wordpress.com).

Os temas dos dois últimos dias apresentaram discussões sobre o antropocentrismo nas escolas, alternativas para repensar as formas de ensino e os direitos animais na educação ambiental. Houve ainda o lançamento da 5ª Cartilha Ulinha e a importância dos santuários com a participação de Patrícia Fittipaldi, médica veterinária fundadora do Santuário das Fadas, primeiro e único do gênero no Brasil, para proteção de animais de fazenda, encerrando o evento.

Textos: Natália Figueiredo ◆

Curso Preparatório para o Enem

Um incentivo para quem aposta no futuro

O Pré - Enem é um dos projetos de extensão da UFRRJ que, nos últimos anos, tem proporcionado uma nova chance para mais de 700 alunos realizarem seus sonhos. O projeto é uma iniciativa da Pró-Reitoria de Extensão e do Departamento de Teoria e Planejamento de Ensino do Instituto de Educação – com apoio da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação – em parceria com o Governo do Estado.

Somente em 2011, cerca de 200 vagas foram destinadas a estudantes de Seropédica, da Baixada Fluminense e da Zona Oeste. Sempre gratuitas, as aulas tiveram início em abril e prosseguiram até novembro, data próxima ao Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). A jovem Rosane Maria do Espírito Santo, solteira, de 20 anos, pela primeira vez, tentou o vestibular. Moradora de Seropédica desde 1995, Rosane deseja continuar seus estudos na cidade e afirma com convicção que sua escolha é a Rural. Suas áreas de interesse são os cursos de Administração e Informática. Ela aguarda os resultados com ansiedade.

– Alguns amigos que já fizeram o curso me deram todas as informações de que eu precisava. Eu mesma me inscrevi. Foi muito fácil – contou a aluna.

Para ingressar no curso Pré-Enem, os candidatos passam por um processo seletivo que é feito a partir do perfil socioeconômico,

com preferência aos que possuem renda familiar de até dois salários mínimos e que morem em Seropédica. Todo o processo acontece no início do ano, pela internet, e é sem custos para os candidatos.

Ao iniciar o curso, o aluno assume um compromisso com o estudo. Existem regras rígidas que devem ser seguidas por todos.

– Existe uma lista de presença para controlar a frequência dos alunos – destaca Rosane. – A maioria de nós trabalha. Inclusive eu. Seria muito difícil bancar um cursinho agora.

Gustavo Santos da Cruz, de 17 anos, é mais um seropedicense beneficiado pelo projeto. Com o incentivo dos pais, o rapaz tomou coragem para encarar o vestibular. O rapaz, assim como a maioria dos alunos, segundo os idealizadores do projeto, concilia o estudo e o trabalho. Para ele, houve um duplo benefício: uniram-se a proximidade do curso com a questão financeira, já que o curso é gratuito.

As aulas são ministradas por

alunos da UFRRJ, regularmente matriculados em cursos de licenciatura. Os interessados podem se inscrever no projeto como monitores. Além de horas de atividades acadêmicas, eles recebem uma bolsa no valor de R\$ 300 por mês.

– Vale muito a pena. É experiência de vida para quem gosta de ajudar – comenta Carolina Alves Fontinato, de 20 anos, monitora de Geografia do projeto.

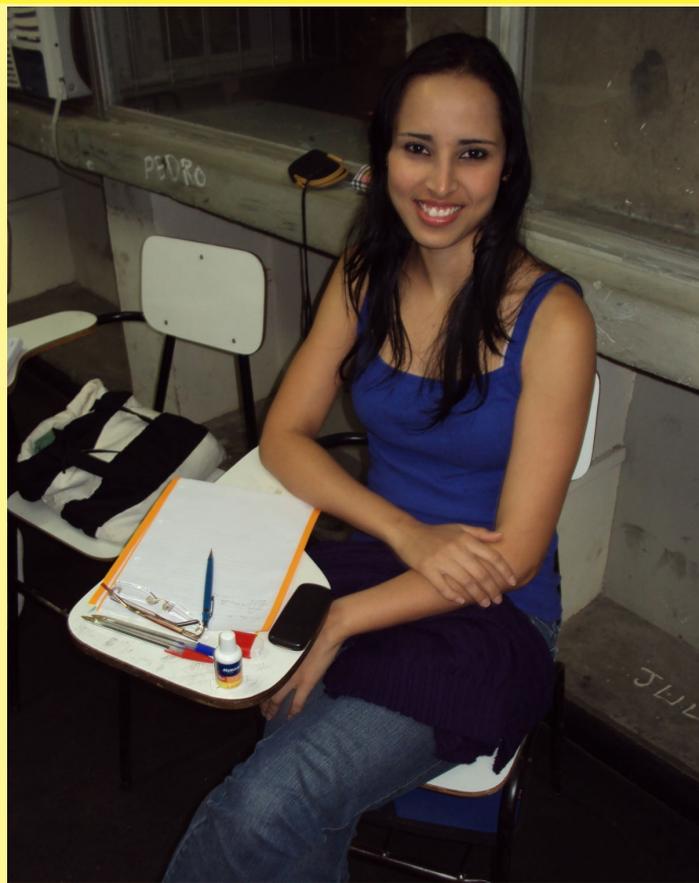
A seleção dos monitores é feita através de análise de currículo, entrevista e prova didática.

As inscrições são realizadas anualmente, no início do primeiro período letivo. No decorrer do projeto, os monitores recebem o acompanhamento de professores da própria Universidade.

– Sou orientada pelo professor André Rocha, de Geografia. Já tenho uma boa ideia do que é ser professora. Encarar essa nova experiência, sem dúvida, também traz desafios para os monitores – observou a universitária. ►

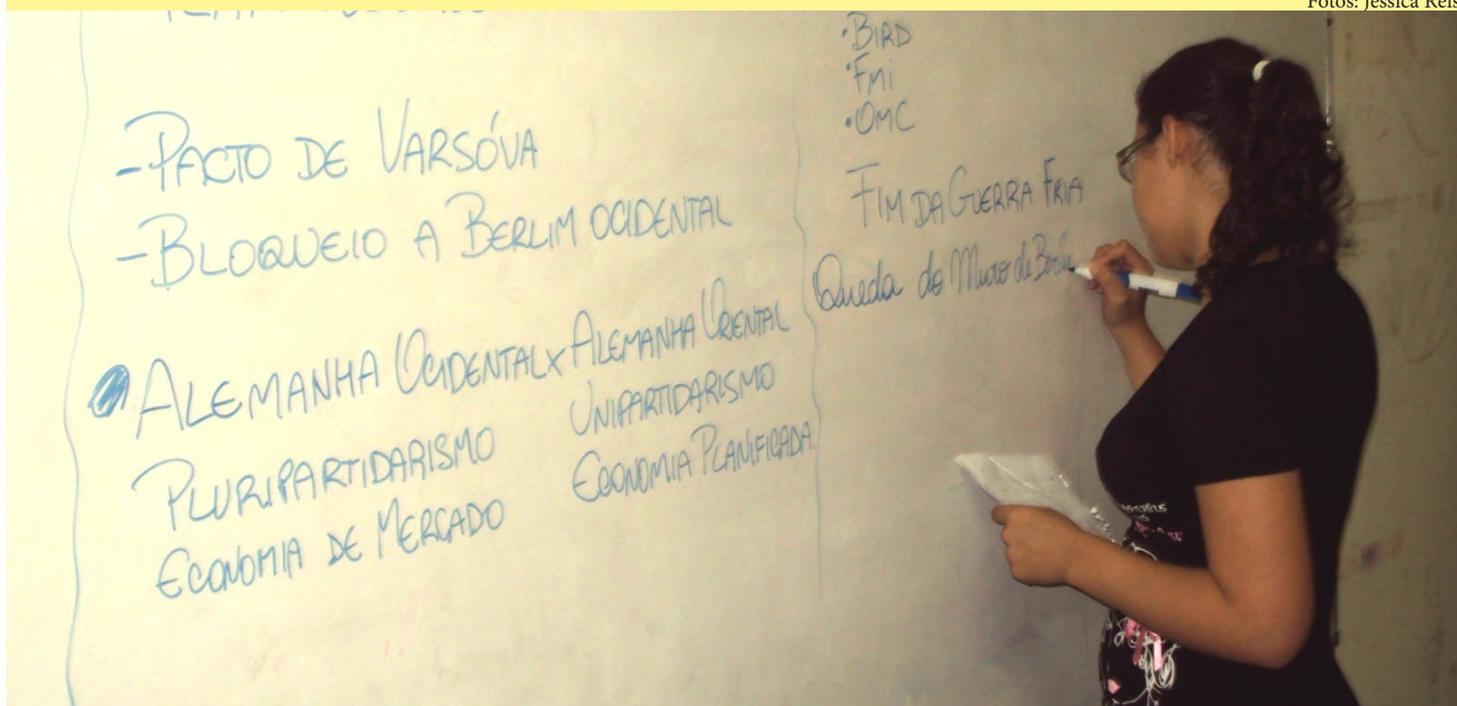


Gustavo Santos, que sonha estudar Educação Física, destaca a qualidade dos monitores: “Eles me surpreenderam. São excelentes, mesmo sendo novos e estarem ainda se formando”.



“O Projeto Enem foi uma iniciativa que me deixou novamente motivada a estudar” comentou a estudante Rosane Maria, natural do Espírito Santo, que há dois anos concluiu o Ensino Médio.

Fotos: Jéssica Reis



Carolina Alves é uma das alunas da UFRRJ, que ministra aulas no Ciep 155: “Eu tenho que revisar toda a matéria com eles. Meus alunos são de idades diferentes e que estão há muito tempo longe dos estudos.”

O Projeto Pré-Enem tem possibilitado o ingresso na universidade para aqueles que não têm condições de financiar seus estudos e, longe dos grandes centros, vêem no município uma alternativa para receberem ensino de qualidade. Responsável por promover a capacitação de jovens universitários que desejam se tornar professores e, principalmente, de alunos que anseiam o ingresso no ensino superior, o programa vem colhendo bons frutos. Segundo dados do projeto, o número de aprovações daqueles que concluem o curso tem sido superior a 30 %. A diretora do CIEP 155 Nelson Antello Romar, Viviane Thaís do Nascimento Ferreira, de 37 anos, é uma das pessoas que aposta no Pré-Enem.

– É relevante a importância social que ele tem. O resultado que promove é muito importante – afirma a professora.

O Centro Integrado de Educação Pública 155 fica no km 49 da Antiga Estrada Rio - São Paulo, em Seropédica, e é uma das sedes do Pré - Enem. Devido à sua boa estrutura, a escola recebe além de seus 1.216 alunos matriculados, os participantes do projeto no turno da noite. Diretora há quatro anos, Viviane ressalta as mudanças no comportamento dos alunos que cursam o 3º ano do Ensino Médio.

– A maior vantagem foi a adesão dos alunos do terceiro ano ao curso preparatório. Agora, muitos já saem com a cabeça voltada para o vestibular – destaca. – É uma grande alegria para nossa escola ser uma das sedes do Pré-Enem.

As aulas são ministradas de segunda a sexta-feira, das 18h às 22h, no CAIC e no CIEP 155. Para mais informações, acesse o edital do projeto no site da Pró-Reitoria de Extensão: <http://www.ufrrj.br/portal/modulo/dext/index.php>.

Foto: Jéssica Reis



A diretora Viviane Thaís faz questão de acompanhar o andamento das aulas noturnas no CIEP 155

Aprender para ensinar

Professores da rede municipal de Seropédica estudam novas técnicas para aplicar na educação de jovens e adultos

Com o objetivo de aprimorar a formação de professores do município, principalmente para atuarem na educação de jovens e adultos da região, em 2010, foi elaborado o projeto “EJA: os caminhos da teoria e da prática”. O programa é coordenado pela professora da UFRRJ Suemy Yukizaki, do Instituto de Educação (IE), foi elaborado em conjunto por professores da Rural e por uma equipe do Núcleo de Educação de Adultos da Universidade PUC-Rio. A Secretaria Municipal de Educação de Seropédica também participa do projeto.

O programa surgiu com a intenção de contribuir para aprimoramento de professores que trabalham nesse segmento. O projeto foi aprovado pelo MEC no

“Todo projeto encontra dificuldades no seu início, porém como este já está aprovado pelo Ministério da Educação, seus objetivos já podem ser alcançados”

começo de 2011, mas as aulas só tiveram início no segundo semestre daquele ano. A professora Suemy disse que o início das aulas demorou porque o projeto foi elaborado por instâncias administrativas diferentes.

– Todo projeto encontra dificuldades no seu início, porém, com o mesmo já aprovado pelo Ministério da Educação, seus objetivos já podem ser alcançados – observou a professora. As aulas do “EJA: os caminhos da teoria e da prática” são todos os sábados, na parte da manhã e da tarde, no CAIC.

Outro projeto, o “EJA: caminhar”, também contempla a educação de jovens e adultos na UFRRJ, desde 2007. Candidatos de Seropédica e das comunidades vizinhas podem se matricular no projeto e assistir as aulas que acontecem todos os dias – das 6h às 9h30m – no CAIC Paulo Dacorso Filho.

Leitura nas escolas

Grupo de professores e alunos da Rural vai às salas de aula de Seropédica para verificar o funcionamento de bibliotecas

Foto: Ana Carolina Brandão



A coordenadora Andréia Beremblum (centro) com a aluna Danielle de Lima (esquerda) e a professora Eliane Fazolo (direita) estão orgulhosas do projeto “Práticas de leituras nas escolas” que atinge alunos da rede pública de Seropédica e da Baixada Fluminense

Qualificar professores para o trabalho em bibliotecas, assim como promover rodas de leitura dentro das escolas municipais de Seropédica, é a proposta inicial do projeto idealizado pela professora Andréia Beremblum, do Departamento de Pedagogia da UFRRJ intitulado como “Práticas de leitura na escola. Bibliotecas escolares e formação de profissionais de escolas de Ensino Fundamental do Município de Seropédica/ Baixada Fluminense”, o projeto surgiu a partir de um trabalho feito pela professora Andréia junto ao MEC, em 2006.

Para aquela atividade, um grupo de professores – do qual a professora Andréia fazia parte – era responsável por verificar a circulação de livros escolares da rede pública de ensino de todo o Brasil, além de averiguar como estes livros eram usados dentro dessas escolas. A partir disso, a pedagoga resolveu criar o projeto e implementá-lo nas escolas do município de Seropédica, a fim de estudar como estava a situação das bibliotecas e a capacidade de leitura dos alunos daquelas instituições.

As professoras Eliane Fazolo e Fabrícia Velásquez,

ambas do Departamento de Teoria e Planejamento do Ensino, auxiliam Andréia na coordenação do projeto. Aprovado no começo de 2011, mas em atividade desde agosto, o programa conta com um grupo de quatro bolsistas – todos do curso de Pedagogia – e com uma parceria da Secretaria Municipal de Educação de Seropédica. A aluna Danielle de Lima, do quarto período de Pedagogia, conta que é uma experiência muito válida fazer parte de um projeto em que ela pode pôr em prática os ensinamentos que aprende em sala de aula.

– Acho que essa experiência será fundamental para a minha formação, além de poder ajudar a comunidade – disse Danielle, ao comentar os motivos que a levaram a participar do projeto.

Por enquanto, o programa ainda está em sua parte teórica, orientando os alunos para o trabalho com os professores e alunos da região, segundo a coordenadora. – Entendemos que para que haja uma efetiva atuação da proposta inicial do projeto, é preciso que os alunos tenham primeiro um embasamento teórico – concluiu Andréia.

Ana Carolina Brandão ◆

Integração entre universidade e sociedade

Congresso provoca reflexão entre estudantes e professores em Porto Alegre

Rio Grande do Sul, terra do chimarrão, do churrasco e dos jacarandás, foi cenário do 5º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (CBEU), no final de 2011. O evento já passou por outros quatro estados: Paraíba, Minas Gerais, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul. Ano passado, a previsão era levar o CBEU para a região Norte do país, mas como não foi possível, o Sul, novamente, abriu suas portas para receber os congressistas, desta vez em Porto Alegre. O evento, cujo tema central foi “As Fronteiras da Extensão”, aconteceu entre os dias 8 e 11 de novembro, em três instituições da região – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter) e Pontifícia Universidade Católica (PUC-RS) – reunindo cerca de 4,5 mil extensionistas de todo o país. Com apoio da Secretaria de Educação Superior/MEC, o congresso contou com 421 universidades participantes, que tiveram 1.424 trabalhos selecionados para apresentação. Desses, 15 eram da Rural.

A UFRGS sediou a maior parte das atividades do congresso. Para a abertura do evento, houve apresentações culturais, danças típicas e uma mesa diretora, em que representantes das três instituições organizadoras do CBEU debateram sobre a importância dos projetos de extensão. A presidente do congresso e pró-reitora de extensão da UFRGS, Sandra de Deus, e o reitor da mesma instituição, Carlos Alexandre Neto, enfatizaram a proposta central do congresso: institucionalizar a extensão dentro das universidades.

Para o professor Neto, os desafios da extensão nas universidades brasileiras estão na área social.

– O maior deles é integrar a universidade à sociedade, buscando diminuir a miséria no nosso país – salientou o acadêmico.

Para a estudante de Medicina da UFRGS Ca-

mila Miranda, representante da Articulação Nacional de Extensão Popular (Anepop) – grupo de discussão sobre educação – o tema é importante não apenas para a formação acadêmica, mas também para o papel do estudante como indivíduo.

– A extensão não mudou apenas a minha formação, mas a futura profissional que serei – comentou Camila.

O 5º CBEU foi marcado por atividades diversificadas e representativas de todo o Brasil. Mostras de extensão, palestras, exposições, tertúlias, espetáculos teatrais – como o do Tholl, trupe circense de Pelotas (RS) – oficinas e apresentações musicais, como a do grupo Pau e Lata, do Rio Grande do Norte, fizeram parte da programação. O destaque da abertura foi a conferência do sociólogo e educador peruano Oscar Jara. O pesquisador quis provocar uma reflexão entre os congressistas:

– Existe hierarquia entre pesquisa, ensino e extensão? É preciso pensar seriamente sobre isso.

O encerramento contou com a presença do primeiro bispo da diocese de Duque de Caxias (RJ), Dom Mauro Morelli, que também é um dos criadores do Programa Fome Zero. O bispo falou sobre a importância do combate à fome e provocou uma ponderação sobre o papel da universidade nesse desafio. De acordo com ele, é preciso trabalhar com o binômio educação e alimentação, e fazer uma aliança entre o mundo faminto de 11 milhões de brasileiros e o mundo saciado das universidades. Somente assim, afirmou o bispo, será possível criar a base para um país livre da miséria e da fome.

– As universidades brasileiras são grandes produtoras de saberes. No mundo, chama atenção a capacidade de produção científica do Brasil. A quem serve isso? – questionou Dom Morelli.



Foto: Jéssica Mazza



O reitor da UFRGS, Carlos Alexandre Netto, durante a abertura do congresso, expôs o maior desafio da extensão brasileira: integrar a universidade à sociedade, buscando diminuir a miséria e a fome que atingem 16 milhões de brasileiros

Foto: Jéssica Reis



A cerimônia de abertura reuniu mais de mil participantes e iniciou-se com as apresentações do grupo de danças tradicionais TCHE-UFRGS e do Grupo de Brincantes do Paralelo Trinta, acompanhados pelo coral da universidade



Dom Mauro Morelli: “As universidades brasileiras são grandes produtoras de saberes. No mundo, chama atenção a capacidade de produção científica no Brasil. A quem serve isso?”

Abertura do congresso tem conferência com Oscar Jara

Inspirado no educador brasileiro Paulo Freire, o sociólogo e também educador peruano Oscar Jara ministrou, no primeiro dia do 5º CBEU, uma conferência sobre a existência de fronteiras na extensão universitária. De acordo com professor Jara, a relação entre ensino, pesquisa e extensão não deve ser vista de forma linear e hierárquica, mas como três eixos independentes e com mesma importância.

O sociólogo, que já coordenou eventos de educação popular na América, na Europa e na Ásia, disse ainda que o ensino deve ser entendido como um desafio que estimule a criatividade, a curiosidade e o senso crítico. Sendo assim é necessário compreender e estimular a relação que deve existir entre a sociedade e a universidade através da pesquisa, do ensino e da extensão.

Extensão: crescimento profissional e pessoal

Para a educadora Sandra de Deus, presidente do 5º CBEU, não há reconhecimento e credibilidade dessa área dentro das universidades

Foto: Natália Figueiredo



Sandra de Deus: “Espero que a extensão seja efetivamente institucionalizada dentro das universidades”

A extensão universitária é a melhor forma de conscientização cidadã de professores e de alunos. Esta visão transformadora é da pró-reitora de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Sandra de Deus. Graduada em jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria e mestre em Extensão Rural, pela mesma instituição, Sandra é uma autoridade no assunto extensão. Além de ter experiência na área de jornalismo, atuando em temas como: rádio, política, jornalismo esportivo, cidadania e direitos humanos. A pró-reitora foi presidente do 5º CBEU.

Como educadora e representante da UFRGS, ela acredita que é preciso haver um envolvimento efetivo das universidades com a extensão, para que essa prática seja encarada com seriedade e consciência.

Durante o congresso, ela concedeu esta entrevista, na qual ressaltou a importância da ex-

tensão universitária, e mandou um recado aos alunos que não participam de projetos extensionistas, alertando a todos sobre a importância dessas atividades.

Extensão - Qual a expectativa da senhora em relação ao congresso?

A partir deste evento, espero que a extensão seja efetivamente institucionalizada dentro das universidades. Assim como a pesquisa, a extensão precisa ser reconhecida e ter credibilidade, pois ela é tão importante quanto a primeira, na medida em que envolve não apenas a comunidade acadêmica, mas também a população em geral.

Extensão - Por que o evento foi realizado no Sul pela segunda vez?

Na verdade, a cada ano o CBEU acontece em uma região do país. O primeiro ocorreu no Nordeste, na Paraíba, o segundo na região Sudeste, em Minas Gerais, o terceiro aqui no sul, em Santa Catarina, e o último ocorreu em Mato Grosso do Sul, no Centro Oeste. Dessa forma, o quinto era para ocorrer no Norte do país, mas como a região estava com dificuldades, o sul resolveu assumir e fazer aqui, o que é um prazer para nós. Mas o próximo, ano que vem, com certeza será na região Norte.

Extensão - Que recado a senhora daria a quem já participa da extensão?

O fato é que quem participa de projetos ou programas de extensão já tem um olhar diferenciado, oferecido pela universidade. O meu recado é para aqueles que não participam de atividades extensionistas. Esses alunos devem se somar à extensão universitária, pois é um grande aprendizado. Se frequentar apenas a sala de aula, a pessoa aprende sim, mas é apenas na prática que é possível ter certeza das nossas escolhas e crescer não apenas profissional como pessoalmente.

Arte e fantasia em cena - Espetáculo Exotique

Foto: Natália Figueiredo



O grupo Tholl encantou todo o público do 5º CBEU com um show de dança, teatro, magia e arte circense. Os 17 artistas participantes mostraram uma performance surpreendente de expressão corporal e acrobacias, em um espetáculo que brinca com a estética, a linguagem e a forma do novo circo, arrancando aplausos de pé da plateia. O grupo existe desde 1987 como Oficina Permanente de Técnicas Circenses (OPTC) em Pelotas (RS) e mantém como foco o exercício da cidadania, com projetos de inclusão social e de cunho cultural. (Contato: www.grupo-tholl.com)

Bloco Pau e Lata agita o pátio da UFRGS

Foto: Natália Figueiredo



De um Rio Grande a outro, o grupo potiguar 'Pau e Lata' cruzou o país para participar do 5º CBEU. Unidos desde 1996, os participantes originalmente se apresentavam em Maceió (AL). Por iniciativa de alguns alunos, o projeto se estendeu à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), onde já atua há quase 11 anos. Nesta edição do congresso, munidos apenas de latões de tinta e tinas de plástico, o bloco se apresentou nos arredores do campus da UFRGS e carregou com ele uma plateia que o acompanhou dançando. (Contato: pauelatarnn.blogspot.com)

Tenda Paulo Freire



A Extensão Popular foi um tema em debate em todos os momentos do 5º CBEU. Para melhor discutir esse assunto foi criado um espaço, denominado Tenda Paulo Freire, em que atores sociais envolvidos em ações de extensão universitária puderam compartilhar experiências e caminhar na busca por alternativas educativas, dialógicas e libertárias de trabalho social, educação e extensão. Criado em 2005, a Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP), é responsável por organizar a Tenda – espaço importante para a troca entre o meio acadêmico e a comunidade – promovendo discussões e estudos sobre as possibilidades e dificuldades da extensão na perspectiva da educação popular.

Ana Carolina Brandão, Jéssica Reis e Natália Figueiredo

Ideias e descontração

As apresentações de trabalhos no 5º CBEU começaram no dia 9 de novembro. Dentre elas, uma proposta de apresentação chamou atenção e marcou o evento: as tertúlias. Rodas de exposição de artigos e trabalhos, seguidas de debate, as discussões provocaram a troca de saberes e de experiências em várias áreas da extensão universitária praticada no país

Foto: Ana Carolina Brandão



A prática da sustentabilidade dentro da universidade foi um dos temas apresentados por alunos da UFRRJ

As alunas Daniele das Neves e Eloisa Maria da Silva, do curso de Economia Doméstica, e Camila da Rocha Oliveira, de Ciências Sociais, todas da UFRRJ, participaram do congresso com a apresentação de seus trabalhos relacionados ao projeto “CATARURAL” em uma das rodas de Tertúlia. Durante a exposição, foram discutidas questões que envolvem o meio ambiente e sua relação com a sociedade. Além desse tema, outro assunto importante tratado foi a participação de técnicos administrativos em projetos de extensão. Na universidade do Pampa, por exemplo, os técnicos administrativos não apenas participam, mas coordenam os projetos.

– Esse é um exemplo que deve ser seguido pelas universidades, pois a extensão é um trabalho contínuo e duradouro, que deve ser feito em conjunto – enfatizou a professora de Medicina Veterinária da UFRGS, Susana Cardoso, mediadora da roda.

A professora também elogiou o trabalho desenvolvido na UFRRJ, mas alertou para a importância da prática da coleta seletiva, que ainda não é feita na instituição.

A Universidade Rural também marcou presença nas tertúlias do segundo dia do evento, durante a sessão “Desenvolvimento regional”. Entre vários projetos sobre geração de renda alternativa para comunidades carentes de todas as regiões do país, foi selecionado o projeto da Rural, “Universidade Itinerante: a prática extensionista atuando na formação agroecológica no município do Carmo/RJ”.

Desenvolvimento Regional

Outro destaque entre as tertúlias foi de Guaqueçaba, no litoral do Paraná. Ali, alunas incentivam a produção de papel artesanal através da fibra de bananeira, árvore característica da região e alternativa de renda para as famílias rurais (UFP). Artesanato cooperativo no Vale do Jequitinhonha, região extremamente carente de Minas Gerais, onde os maridos, em sua maioria, vão embora em busca de trabalho na capital e acabam não voltando para a família, as mulheres aprenderam como produzir sua renda através da cerâmica, tecelagem e bordado em associações artesãs (UFMG). O projeto Universidade Itinerante, coordenado por Solange de Souza, em parceria da UFRRJ com a prefeitura do município do Carmo e a EMATER/RJ, busca fortalecer a autoestima da população rural do Carmo através de uma formação técnica com práticas no âmbito da produção agrícola e ênfase em modelos ecológicos. Os cursos de formação começaram em 2008, oferecendo aulas de horticultura orgânica, plantas medicinais e viveiristas (cultivadas em viveiros). Para não atrapalhar as atividades de trabalho dos alunos, as aulas foram ministradas aos finais de semana em uma escola municipal, no intuito de resgatar a identidade rural e manter o jovem carmense em seu município. Essas ações foram realizadas com a intenção de futuramente implementar uma escola de formação agrícola na região.



Foto: Natália Figueiredo



A tertúlia sobre desenvolvimento regional foi uma das mais concorridas: geração de renda em debate

Hotelaria em Seropédica

A professora do curso de Hotelaria da UFRRJ, Salomé Almeida, apresentou, no segundo dia de tertúlias, o projeto de extensão “Revitalização dos Meios de Hospedagem de Seropédica”. O programa, que conta com quatro bolsistas e dois voluntários, tem suas atividades focadas em uma consultoria de qualificação do serviço e dos funcionários dos hotéis do município de Seropédica. Os métodos de avaliação desenvolvidos pelo projeto são: a aplicação de questionários, entrevistas e observação. Assim, a partir das avaliações obtidas o grupo pretende como segunda parte do projeto oferecer, além da consultoria, prestação de serviço com soluções para os lugares que estão abaixo do nível esperado nas avaliações.

Sustentabilidade na Universidade

Idealizado por Heloisa Helena Borges, ex-professora do departamento de Economia Doméstica, que abraçou a ideia da aluna Talita Rodriguês, o projeto “Construindo redes colaborativas para a implementação do projeto de coleta seletiva solidária na UFRRJ: CataRural”, conta, hoje, com a participação de quatro bolsistas da extensão (BIEXT), três do plano diretor e quase nenhum voluntário. Criado há três anos, o projeto já teve participação de quase 25 alunos, dentre eles 10 voluntários.

Com o objetivo de conscientizar professores e alunos da UFRRJ quanto à reciclagem do lixo, a partir da criação de um sujeito ecológico ligado a todas as questões do meio ambiente, o CataRural almeja expandir suas atividades para a população de Seropédica com campanhas de reciclagem e coleta seletiva.

– O CataRural começou como projeto de pesquisa e agora é projeto de extensão. A intenção agora é transformá-lo em programa com atividades mais práticas – disse Daniele das Neves, aluna de Economia Doméstica e bolsista do BIEXT.

Atualmente, as atividades exercidas pelo grupo – coordenado pela professora Consuelo, também do curso de Economia Doméstica da Rural – são elaborações de oficinas, workshops, debates e palestras, a fim de sensibilizar a comunidade. Na oficina conhecida como “Adocicarte”, por exemplo, são ensinados modos de preparar sucos com cascas de frutas. Para participar, basta levar sua própria caneca, pois não são usados materiais descartáveis que poluem o ambiente. As reuniões do grupo acontecem toda quarta-feira, às 8h30m, no Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS).

Mostra de Extensão

Estandes no Campus Central da UFRGS prendiam a atenção dos participantes pela peculiaridade de cada projeto

Foto: Natália Figueiredo



Professor da UERJ utiliza garrafa plástica para explicar lei da física

Durante os quatro dias de evento, os participantes do 5º CBEU puderam utilizar o tempo livre dos intervalos das tertúlias e das conferências para passear pela Mostra de Extensão. Eram 26 estandes de universidades de todo o país expondo banners, maquetes, amostras e produtos elaborados a partir dos programas de extensão.

A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) levou experimentos que ajudam no ensino da Física e que são de fácil elaboração. Materiais que são facilmente encontrados em casa como garrafas plásticas, canudos e régua foram usados para explicar o empuxo, o atrito e o efeito do caleidoscópio.

Outra instituição que expôs seu trabalho na mostra foi a Universidade Federal do Rio Grande. A FURG fez sua exposição junto ao Centro de Atenção Integral à Criança (CAIC), sediado no campus da universidade. Os professores estão vinculados ao colégio pela Pró-Reitoria de Extensão e desenvolvem projetos na área da educação, saúde e ação comunitária.

Para o 5º CBEU, os educadores levaram cartas de alunos do Ensino Fundamental do CAIC para os participantes responderem, cativando a todos que passavam com desenhos e perguntas como por exemplo: “Você gosta de jogar bola?”, típicas de crianças.



Natália Figueiredo,
Jéssica Mazza
e Ana Carolina Brandão

A UFRRJ no programa Escola Ativa e o programa Escola Ativa na UFRRJ



Foto: Natália Figueiredo
Mônica Benevenuto, coordenadora do programa "A Escola Ativa na UFRRJ", em sua apresentação

Durante o terceiro dia de apresentações, a professora Mônica Benevenuto apresentou o programa: "A UFRRJ no programa escola ativa e o programa escola ativa na UFRRJ". Atividades voltadas para a formação de professores multiplicadores em classes multisseriadas, ou seja, classes que comportam mais de uma série na mesma sala. Combinam diversos elementos e instrumentos de caráter pedagógico, social e de gestão escolar. Em parceria com o Ministério da Educação, através do edital PROEXT, o programa tem por objetivo melhorar a qualidade do desempenho escolar em classes multisseriadas das escolas do campo, as quais são uma realidade cada vez mais comum.

“ Foi muito importante para mim (o programa), pois achava que a escola multisseriada era algo do passado” Mônica Benevenuto – coordenadora do programa

Projeto Olhares: Representações e identidade da comunidade caiçara da praia do aventureiro – Ilha Grande/RJ

A professora Janaina Nascimento, do curso de Administração, do Instituto Multidisciplinar da UFRRJ, que fica em Nova Iguaçu, apresentou no penúltimo dia do congresso o programa "Destinos: olhares além da fachada - Uma análise comparativa das identidades da comunidade caiçara da Praia do Aventureiro – Ilha Grande/RJ". Um programa do Grupo de Estudos em Marketing, Tecnologia e Ecologia (GEMTE), que, em 2009, iniciou suas atividades de pesquisa e extensão.

A vila estudada é formada por uma pequena população de caiçaras, que sobrevivem da pesca e do

plantio. O grupo tem dificuldades para continuar vivendo no local, porque a comunidade foi transformada pelo Governo Estadual em uma reserva biológica. A fim de comparar a visão do Aventureiro de fora e dos moradores, o grupo ofereceu oficinas e jogos para estimular a fala e o debate entre os participantes. Com o apoio do Ministério do Turismo, o programa rendeu uma revista trilingue, com informações sobre a região, sua população e o projeto. É a revista Destinos, que está disponível no site do IM (<http://r1.ufrrj.br/im/gemte/>). Hoje, o grupo continua com as atividades, mas com o foco na Baixada Fluminense.



Foto: Natália Figueiredo
A professora Janaina Nascimento, durante sua apresentação oral, mostra o ponto mais famoso da praia do Aventureiro: o coqueiro deitado, que virou ponto turístico

A agroecologia na formação básica ambiental

No segundo dia do CBEU, a professora de Licenciatura em Ciências Agrícolas, Juliana Arruda, e o aluno, também de LICA, Danilo Framil Amorim, apresentaram parte do projeto “Ação transformadora na prática de docência: a ciência e o lúdico na articulação entre ensino, pesquisa e extensão”. De acordo com a professora, o trabalho tem como objetivo ressaltar a importância do ensino das Ciências Naturais no ensino fundamental. Partindo da temática do meio ambiente, o projeto busca trabalhar o assunto a partir da agroecologia.

Iniciado em 2009, o trabalho também conta com o professor Joanes de Oliveira Dias como coordenador ao lado de Juliana, com outros cinco professores e 12 alunos bolsistas na supervisão e elaboração. Desenvolvido no Colégio Estadual Alice de Souza Bruno e na Escola Municipal Panaro Figueira, ambos no município de Seropédica, o projeto teve como meta, em seu primeiro ano, a introdução da educação ambiental com foco nas ações do homem sobre a natureza. No segundo ano, a temática da relação homem-natureza teve continuidade e, integrado a isso, foi iniciada a implantação da horta nas escolas.

O projeto apresentado no Congresso foi parcial, considerando apenas as ações no Colégio Estadual Alice de Souza Bruno.

Juliana ressaltou que através do ensino das ciências naturais são abordados temas que de alguma forma estão ligados à vida dessas crianças e adolescentes. Um desses casos é a implantação, em Seropédica, do Centro de Tratamento de Resíduos (CTR) Santa Rosa, que já está em funcionamento e gera dúvidas sobre os impactos causados ao meio ambiente. Outra questão debatida é referente à obra do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do Arco Metropolitano, paralisada pela descoberta de animais na Floresta Nacional Mário Xavier nunca vistos em outro lugar. A reserva teria cerca de 80 mil metros quadrados ocupados pelo arco, assim, a vida desses animais correria sérios riscos pela poluição, barulho e outros malefícios que uma obra deste porte pode trazer.

Junto de outros extensionistas que também apresentaram seus projetos, Juliana Arruda e Danilo Amorim participaram de um rico debate sobre meio ambiente e extensão universitária.

Jéssica Reis e Jéssica Mazza ◆

Rural debate Educação Ambiental no 5º CBEU

A aluna Thamyres Nunes Monteiro Nogueira, do 6º período de Ciências Agrícolas da UFRRJ, participa do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Ambiental, Diversidade e Sustentabilidade (Gepeads), há dois anos. O projeto existe desde 2003 sob a coordenação da professora Ana Maria Dantas Soares e tem como objetivo promover a educação ambiental de jovens e adultos do município de Seropédica. Sob o mesmo ideal, o artigo “III SEMEA construindo redes nas cirandas da vida - relato de experiência” foi aprovado para ser apresentado no Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (CBEU) na modalidade comunicação oral. Thamyres apresentou o trabalho no segundo dia do evento, no prédio da PUC RS.

As reuniões do grupo são semanais e acontecem na UFRRJ toda segunda-feira, às 15 horas, na sala verde do CAIC.

Jantar de confraternização

A fim de integrar os alunos participantes do congresso, a UFRGS ofereceu, no dia 9 de novembro, um jantar de confraternização. Em meio a muito churrasco, danças típicas e shows com as bandas “Tributo a Tim Maia” e “Funkalister”, o evento animou todo o público.



Fotos: Natália Figueiredo e Jéssica Mazza

A formação profissional e a extensão



Painel sobre política nacional de extensão enche auditório e gera debate sobre o futuro da extensão no país Wesley Borges/UFRGS

Na noite do dia 9, aconteceu o Painel *Políticas Públicas e Política Nacional de Extensão Universitária*. Participaram o secretário de Educação Superior do Ministério da Educação, Luiz Cláudio Costa, o representante do Ministério da Saúde e diretor do Departamento de Gestão da Educação na Saúde, Sigisfredo Luis Brenelli, o Presidente da Andifes, João Luiz Martins, e o reitor da UFRGS, Carlos Alexandre Netto.

Martins retomou alguns pontos da reunião da Andifes, realizada na tarde anterior. Trouxe discussões sobre institucionalização, regras, normas e financiamento da Extensão.

- Fazer política não é obrigação. Fazer projetos para o país é compromisso tanto público quanto privado - destacou Martins. - Assim, a extensão tem papel piloto para o Estado, fundamental para o fomento social.

Já para Brenelli, a saúde está tradicionalmente ligada à extensão. Ele explicou que a Exten-

são ajuda e melhora o trabalho de atendimento à população, assim como complementa a instrução do estudante dando a esse “a possibilidade de ser mais cidadão”. E para que haja essa troca, há a necessidade de currículos que incluam ações extensionistas e relações com a comunidade.

Para o secretário de Educação Superior, a educação está em um novo momento. Há o aumento do número de jovens matriculados, maior acesso às redes de instituições, mas o maior desafio do ensino superior é torná-lo público e estruturá-lo. Costa coloca que cabe à extensão a ligação do diálogo acadêmico com o social, e que esse discurso não é o único. Além disso, é preciso vencer a ideia de que não há recursos para os projetos extensionistas e criar propostas estruturantes e instrumentos de avaliação.

- O Brasil é o primeiro país do mundo que coloca o aluno 40 horas por semana em sala de aula. Que tempo (ele) tem para absorver o conhecimento? A sala de aula é importantíssima, mas há a necessidade de interagir - diz o secretário.

Segundo ele, aprender exige compromisso, mas é preciso que se explore essa competência de outras maneiras.

- O grande papel da universidade é buscar projetos estruturantes nas comunidades e não satisfazer egos acadêmicos - conclui.

5º CBEU rompe fronteiras

Foto: Jéssica Reis



A Oficina “Por Onde Andas? – Fronteiras do Olhar” foi uma idealização de Carlos Augusto Nunes, vice-diretor do Instituto de artes da UFRGS e da bacharel em Artes Visuais, Nadmea Carvalho. A iniciativa surgiu com a proposta de promover uma reflexão acerca dos conceitos de Pertencimento, Percurso, Fronteiras e Coletivo. Os participantes realizaram intervenções artísticas ao produzir cópias em gesso de seus pés nas dependências do 5º CEBEU. No retorno às suas cidades natais, a atividade terá sua ação continuada por alunos que atuarão como agentes de percepção no caminho do outro, posicionando “seus pés” em percursos comuns à população. As fotografias e informações desses pés de gesso serão inseridas em um mapa virtual disponível na internet que se utiliza de um Google Maps tendo acesso livre, intitulado de “porondeandas”.

Yoga e qualidade de vida

Foto: Natália Figueiredo



O clube de yoga Mover juntos, durante o segundo dia do evento, reuniu 20 participantes no salão de festas da UFRGS para uma tarde de bem-estar através da prática de yoga. Direto de Brasília, a professora ensinou exercícios de relaxamento, posições básicas e técnicas de automassagem.

Kizambe: Percussão para leigos

Foto: Natália Figueiredo



Durante o terceiro dia de evento, integrantes do Bloco Pau e Lata montaram uma oficina de percussão no palco cultural da UFRGS. O evento contou com 50 participantes entre leigos e músicos, que aprenderam técnicas de percussão popular utilizando apenas baquetas improvisadas, latões e baldes de plástico. Foi construído um cenário de educação musical, que animou os ouvintes que passavam.

Cultura para todos

Professores da UFRRJ se mobilizam para expandir a cultura no município de Seropédica

“Seropédica é um celeiro artístico cultural”. Foi o que afirmou o professor Orlando Marques da Costa ao falar do programa “Manifesto da Arte - Música, Dança e Artes Plásticas na Formação de Políticas Públicas em Democratização da Cultura”. O professor foi idealizador e coordenador do programa aprovado em 2009 pelo Programa de bolsas do MEC (PROEXT/MEC).

Com o objetivo de levar cultura aos moradores da região, que, segundo o professor, são carentes nesse quesito, o programa “Manifesto da Arte” consistia em aulas de canto-corais, instrumentos musicais, percussão e artes cênicas. Porém, por questões burocráticas o programa começou a funcionar, de forma efetiva, apenas no meio de 2010, mas a previsão era para início do ano. O programa teve um tempo de vida curto, mas o suficiente para fazer pulsar mais forte a cultura no coração de Seropédica.

O professor Costa faz parte do departamento de biologia da UFRRJ, mas, sua paixão pela cultura e vontade de ajudar o próximo, por meio de ações sociais, levaram-no a elaborar o programa cujo objetivo principal é desenvolver a arte nos municípios de Seropédica e Paracambi.

- A proposta do programa era desenvolver a arte também por meio da música, artes plásticas e arte de rua através de material de sucata, com aulas ministradas no Centro de Arte e Cultura (CAC) da universidade - disse ele.



Foto: Divulgação

Aulas de canto-corais reúnem alunos de todas as idades

Para a realização desse projeto, Marques contou com o apoio da animadora cultural do estado do Rio de Janeiro, e atual coordenadora do CAC, Nádia Alvarez, uma equipe de professores colaboradores e alunos bolsistas que davam aulas para a população local.

Na teoria, o “Manifesto da Arte” não existe mais, mas ainda hoje, no CAC (lugar onde aconteciam as atividades do programa) são providas aulas de dança, música e artes. Alguns desses professores são participantes do programa de Costa, mas alguns participam há pouco tempo.

A aluna Mainá Bracelos, do 5º período do curso de Letras da UFRRJ, ministra aulas de canto-corais e conta que no começo do programa “Manifesto da Arte” houve muitos obstáculos, mas a força de vontade de todos

fez do projeto algo muito produtivo.

- No começo, a locomoção era muito difícil, pois tínhamos que ir para Paracambi também. Mas conseguimos nos apresentar pelo menos duas vezes na Rural. Foi muito gratificante - disse Mainá.

Aline Cristina Costa, moradora de Seropédica, começou a frequentar as aulas do CAC por meio do programa e, desde então, não parou mais.

- Eu conheci o projeto por meio de comentários de alguns vizinhos, que, por saberem que me interessava por canto, me incentivavam a procurar o CAC e me matricular - contou Aline.

A aluna disse ainda que o projeto tem sido extremamente válido porque promove a expansão cultural na região.

“Seropédica é um celeiro artístico e cultural”



Animações e Debate

O cine clube de animação “Anima Rural” surgiu no primeiro semestre de 2010 quando alguns alunos de Belas Artes, na época no primeiro período, sentiram a necessidade de um espaço para discutir a linguagem de animação. O objetivo era focar nas produções fora do circuito comercial e discutir sobre os filmes. O projeto foi apoiado pelo coordenador e professor Arthur Valle que, desde o começo, orientou os alunos com idéias e sugestões.

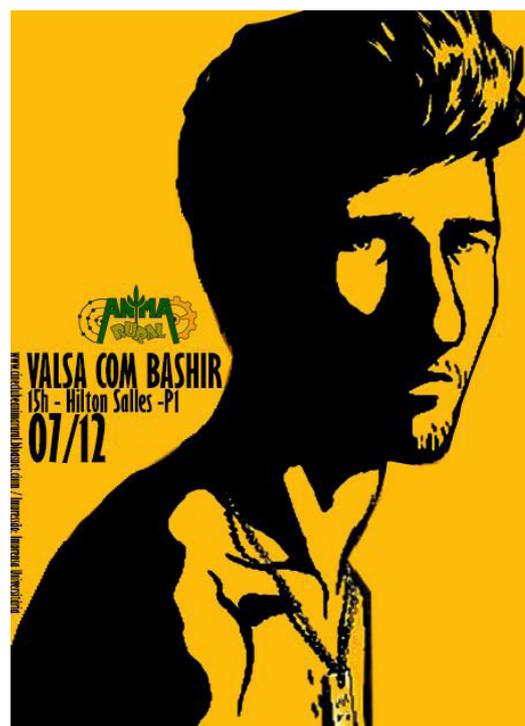
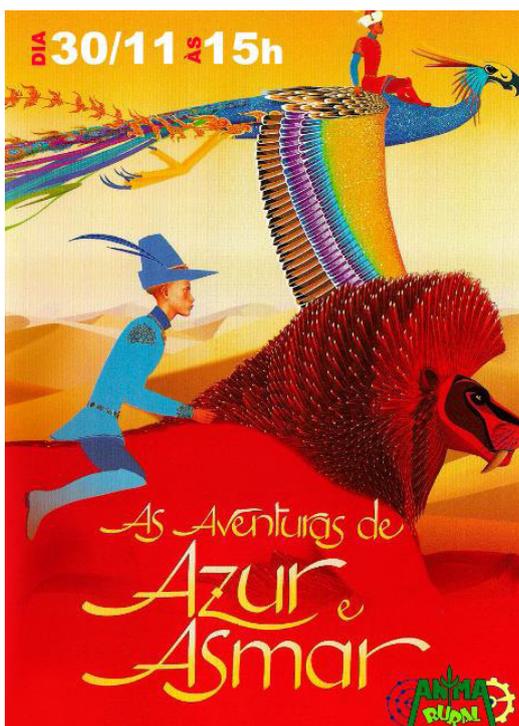
Hoje, o Anima Rural é um projeto de extensão vinculado ao Departamento de Artes da UFRRJ, que visa à exibição de curtas e longas metragens de cinema de animação, feitos em diferentes países, desde os primei-

ros experimentos até a produção contemporânea.

As sessões são gratuitas e abertas a todos os membros da comunidade acadêmica e aos demais interessados. Quando terminam as exibições, geralmente, há palestras e debates, que focam em especial o processo de criação dos filmes exibidos e suas relações com outras formas de arte.

- Logo no início, o público foi bem diversificado e a cada exibição conhecíamos mais pessoas interessadas no assunto. Temos a intenção de usar, mais na frente, o espaço do Anima Rural para exibir nossas próprias produções - destacou Pablo Ferreira de Lima, do 4º período de Belas Artes da UFRRJ.

Exibições Anteriores:



Comissão propõe análise sobre os rumos da Extensão

A atuação da Pró-Reitoria de Extensão (Pro-Ext) está, cada vez mais, ligada à Comissão Permanente de Extensão, que foi retomada em 2010. Quando foi idealizada, em 2007, não teve continuidade por causa do momento de agitação que a universidade passava com o estabelecimento do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni).

Na ocasião, foi convocado um professor de cada departamento para retomar o debate sobre os rumos da extensão na UFRRJ. Entre agosto e outubro de 2010, foi avaliada a necessidade de representantes de discentes e de técnicos administrativos para a formalização institucional da Comissão Permanente da Proext.

O objetivo é propor mudanças para o fortalecimento e formalização das ações de extensão

Assim, ficou definido que os membros do grupo seriam: o pró-reitor de Extensão, um professor de cada departamento acadêmico, um aluno de cada instituto e um técnico-administrativo. Cada um com seu suplente.

De acordo com o professor do Departamento de História da UFRRJ, Alexander Martins Vianna, a comissão tem como objetivo principal propor mudanças para o fortalecimento, definição e formalização das ações de extensão da UFRRJ.

Segundo ele, a comissão não pretende avaliar projetos, programas ou outras ações da PROEXT, cabendo isso a outro dispositivo já existente na Pró-Reitoria.

- A CP-PROEXT é um dispositivo institucional da consulta permanente para o braço executivo da PROEXT. A comissão debate, propõe e configura sentidos e dispositivos que possibilitem definir (de forma estruturante, reflexiva e dinâmica) o campo institucional de possibilidades para a Extensão na UFRRJ - ressaltou Vianna.

Conforme consta no texto, seus representantes devem se reunir uma vez por mês e em sessões extraordinárias. Apesar de ainda não ter seu regimento aprovado, a comissão já está ativa e reformulando as ações da extensão na universidade.

Inclusão e coesão social na Argentina

Conhecer as práticas e os desafios da extensão na América Latina foi o principal objetivo do professor José Claudio Alves Souza, ao representar a UFRRJ no XI Congresso Iberoamericano de Extensão Universitária, que aconteceu em Santa Fé, na Argentina, de 22 a 25 de novembro de 2011.

Souza, que é pró-reitor de Extensão da Universidade Rural, uniu-se aos membros de pelo menos mais cinco países para analisar e trocar experiências positivas em suas áreas de atuação. Segundo ele, alguns projetos podem se tornar referência.

- A prática argentina, por exemplo, de permitir a todos os alunos oriundos de escolas públicas que entrem na universidade, é um deles - comentou.

O professor disse que já em sua viagem de ida para a Argentina pôde conhecer novas ideias sobre a extensão praticada no Brasil.

- Sim, pois encontrei, ainda no aeroporto, com representantes de várias universidades como a Federal de Viçosa (MG), a Federal da Grande Dourados (MS) e até oito técnicos administrativos da UFF - contou.

De acordo com o pró-reitor, é importante ressaltar que as fronteiras da extensão devem se desdobrar em mais facilidade de acesso da comunidade à universidade. Para que isto ocorra, Souza explicou quais são as principais metas para o ano de 2012:

- Consolidar a Comissão Permanente de Extensão; buscar projetos de área de agroecologia auto-sustentáveis, principalmente na produção vegetal e animal; firmar nossa parceria com o Ministério do Desenvolvimento Agrário e também com a Secretaria municipal de Agricultura de Maricá (RJ).

Pró-Reitoria mantém luta contra o lixão

Segundo o pró-reitor, fortalecer a articulação de alguns projetos na área do campo também está entre as prioridades para este ano.

Souza reafirmou seu compromisso em manter a luta contra a Central de Tratamento de Resíduos (CTR) Santa Rosa, o "lixão", inaugurado em junho.

- Ele está sobre o segundo maior aquífero de água potável do Rio de Janeiro. É um crime ambiental que está sendo cometido pelos governos do estado e do município do Rio - concluiu.



Foto: Jéssica Mazza

Apresentação grupo TCHE em conferência de abertura no 5 CBEU



Show com a banda Funkalister durante Jantar de Confraternização 5º CBEU



NOVA Revista Extensão



